

Aula 5 – Introdução à Análise da Narrativa

Imagine que toda história — seja um romance, um filme ou até mesmo a série que você devora após um longo dia de trabalho — é uma máquina complexa, cheia de engrenagens, alavancas e circuitos. À primeira vista, só vemos o resultado final: a emoção, o suspense, a reflexão. Mas, e se você tivesse a chave para abrir essa máquina e entender como cada peça funciona para produzir o efeito que ela causa em você? Essa é a promessa da análise da narrativa. Não se trata de desmontar a magia, mas de apreciá-la em um nível mais profundo, quase como um mágico que entende os segredos por trás de um grande truque.

Este encontro de 60 minutos é o seu primeiro passo para se tornar esse especialista. Ao final desta aula, você não apenas lerá uma história; você a decodificará. Será capaz de identificar os pilares que a sustentam, compreender como a voz que a conta molda sua percepção e reconhecer as técnicas que os autores usam para dar vida aos personagens. Este conhecimento é uma ferramenta poderosa, não só para quem presta concursos e precisa de uma base sólida em teoria literária, mas para qualquer pessoa que busca aprimorar sua capacidade de interpretação e argumentação, habilidades essenciais no mercado de trabalho e na vida.

Nossa jornada nos levará pelos componentes fundamentais de qualquer narrativa. Começaremos pelo **enredo**, o esqueleto que dá forma à história, e pelos **personagens** que são sua alma. Em seguida, exploraremos o **tempo** e o **espaço**, que funcionam como o palco e o relógio dessa grande peça. Por fim, investigaremos a figura crucial do **narrador** e as diferentes formas de apresentar as **vozes** dos personagens. Prepare-se para mudar a forma como você interage com as histórias para sempre.

O Esqueleto da História:

Enredo e Estrutura

Toda narrativa, desde uma antiga epopeia até um tweet bem construído, possui uma espinha dorsal que a sustenta. Sem essa estrutura, a história seria apenas um amontoado de acontecimentos sem sentido, incapaz de prender nossa atenção ou nos levar a qualquer lugar. Chamamos essa espinha dorsal de **enredo**. Pense no enredo como a planta baixa de uma casa: antes de erguer as paredes ou escolher a decoração, o arquiteto precisa definir onde ficará cada cômodo, como eles se conectarão e qual será o fluxo dos moradores. O enredo, portanto, não é a história em si, mas a organização deliberada dos eventos para criar um efeito específico.

📌 Enredo ≠ História

O enredo é a *organização* dos eventos, não os eventos em si. É a arquitetura que transforma fatos em narrativa.

Essa organização raramente é aleatória. A maioria das narrativas que conhecemos segue um roteiro emocional e lógico que nosso cérebro aprendeu a reconhecer e apreciar. Essa estrutura clássica funciona como um mapa para nossa jornada emocional como leitores. Tudo começa com a **exposição**, o momento em que o tabuleiro do jogo é montado: somos apresentados aos personagens principais, ao cenário e à "normalidade" daquele universo. É a calma antes da tempestade, o ponto de partida que nos permite entender o que está em jogo quando as coisas começam a mudar.

A mudança vem com o **conflito**, a faísca que incendeia a trama. Pode ser um problema, um desejo, um obstáculo – qualquer coisa que perturbe o equilíbrio inicial e force os personagens a agir. Esse é o verdadeiro motor da narrativa. Por exemplo, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a exposição nos apresenta a amizade juvenil de Bentinho e Capitu e a promessa de sua mãe que o destina ao seminário. O conflito nasce justamente da tensão entre esse amor crescente e o obstáculo imposto pela promessa, uma força que os obriga a buscar uma solução e que desencadeia todas as ações subsequentes. A partir daqui, a tensão começa a escalar, nos levando ao coração pulsante da trama.



O Coração Pulsante da Trama: **Conflito**, **Clímax** e **Desfecho**



Conflito

O elástico sendo esticado.
Tensão crescente que mantém o leitor engajado.



Clímax

O ponto de tensão máxima. O momento decisivo onde tudo se resolve.



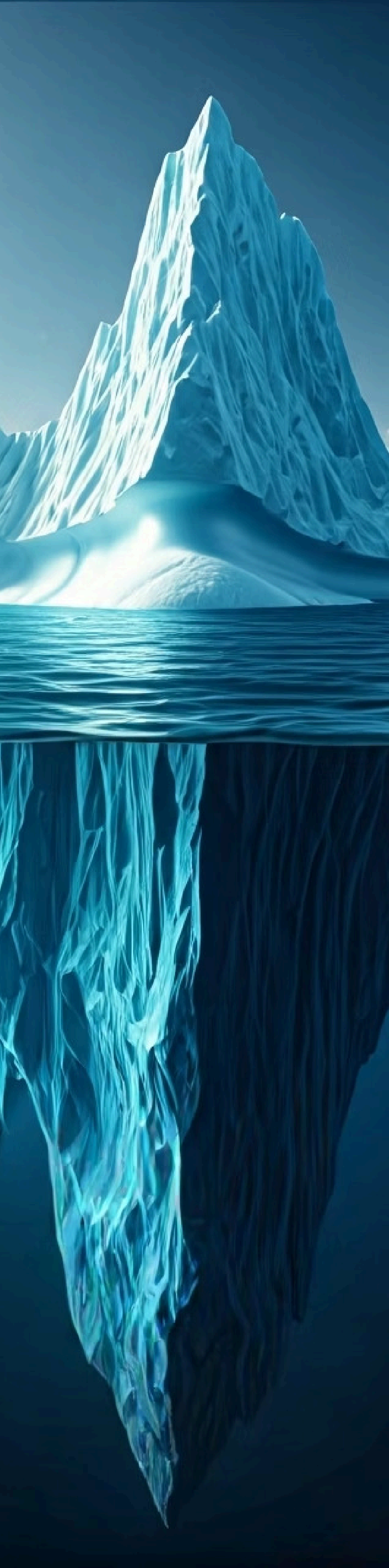
Desfecho

Novo equilíbrio. As consequências e o estado final após a transformação.

Se a exposição nos apresenta o mundo, o conflito nos dá uma razão para nos importarmos com ele. Pense no conflito como um elástico sendo esticado: quanto mais as forças opostas (o desejo do personagem versus o obstáculo) o puxam, maior a tensão acumulada. Uma história sem conflito é como uma música sem variação de volume ou ritmo – monótona e esquecível. A habilidade de um bom autor reside em esticar esse elástico de forma gradual e envolvente, fazendo com que fiquemos ansiosos para ver o que acontecerá quando ele finalmente se romper.

Essa tensão crescente nos conduz, inevitavelmente, ao **clímax**. Este é o ponto de tensão máxima, o momento de maior confronto em que o elástico é esticado ao seu limite. É a batalha final, a revelação chocante, a decisão que não pode ser adiada. No romance policial, é quando o detetive confronta o assassino; na comédia romântica, é o momento em que o protagonista interrompe o casamento para declarar seu amor. O clímax é o ápice da jornada emocional, o ponto de virada a partir do qual nada mais será como antes. Sua função é resolver o conflito central da história de maneira decisiva.

Após essa explosão de energia, a narrativa precisa de um momento para respirar e reorganizar as peças. Essa fase final é o **desfecho** ou resolução. Aqui, as consequências do clímax são apresentadas e um novo estado de equilíbrio é estabelecido. O elástico, agora rompido ou frouxo, encontra seu novo estado de repouso. É importante notar que um desfecho não precisa ser um "final feliz". Ele pode ser trágico, ambíguo ou agriado, mas seu papel é encerrar o arco narrativo principal, mostrando como os personagens e o mundo foram transformados pelos eventos da história. Essa estrutura clássica, embora simples, é a base sobre a qual incontáveis narrativas complexas e inovadoras são construídas.

A vertical illustration of an iceberg in a dark blue ocean. The tip of the iceberg is above the water surface, while the much larger, jagged mass is submerged below. The water is dark blue, and the sky is a lighter blue gradient.

Os Habitantes do Mundo Ficcional: A Construção do Personagem

Uma trama bem estruturada é essencial, mas o que realmente nos conecta a uma história são seus habitantes. Os **personagens** são a alma da narrativa, os veículos através dos quais experimentamos o enredo, o conflito e a emoção. Sem personagens com quem possamos nos identificar, torcer ou até mesmo odiar, a história se torna um exercício mecânico e frio. Um erro comum é pensar nos personagens apenas como peças que executam ações. Na verdade, eles são muito mais. Pense em um personagem como um iceberg: o que vemos na superfície – suas ações, suas falas – é apenas uma pequena fração de sua totalidade. Abaixo da linha d'água, escondem-se suas motivações, medos, histórias passadas e contradições, que formam a massa que realmente guia seus movimentos.

Personagens Planos

- Unidimensionais
- Previsíveis
- Servem funções específicas
- Exemplo: vilão puramente mau

Personagens Redondos

- Multifacetados
- Capazes de surpreender
- Vida interior rica
- Exemplo: protagonistas complexos

A força de um personagem está em sua complexidade e verossimilhança. Personagens "planos" ou estereotipados servem a funções específicas (como o vilão puramente mau ou o ajudante cômico), mas são os personagens "redondos" ou multifacetados que permanecem conosco. Eles são cheios de contradições, capazes de nos surpreender, e parecem ter uma vida interior rica, assim como pessoas reais. A crítica literária feminista, por exemplo, frequentemente analisa como personagens femininas foram historicamente construídas como "planas", servindo apenas como suporte para o desenvolvimento do herói masculino, e celebra obras que criam mulheres complexas e com agência própria.

Técnicas de Caracterização

Direta: O narrador simplesmente nos diz como o personagem é ("Ele era um homem cruel e egoísta")

Indireta: Descobrimos através de ações, diálogos, pensamentos e reações de outros personagens

Para dar vida a esses seres ficcionais, o autor lança mão de diversas técnicas de **caracterização**. Ela pode ser **direta**, quando o narrador simplesmente nos diz como o personagem é ("Ele era um homem cruel e egoísta"), ou **indireta**, que é muito mais poderosa. Na caracterização indireta, nós mesmos chegamos a conclusões sobre o personagem através de suas ações, diálogos, pensamentos ou da forma como outros personagens reagem a ele. Ao invés de dizer que alguém é corajoso, o autor o mostra entrando em um prédio em chamas para salvar uma criança. Essa técnica convida o leitor a participar ativamente da construção do personagem, tornando a experiência muito mais imersiva e convincente.

O Palco e o Relógio: Espaço e Tempo na Narrativa

Nenhuma história acontece no vácuo. Os personagens se movem e interagem dentro de coordenadas específicas de **espaço** e **tempo**, elementos que são muito mais do que um simples pano de fundo. Eles moldam ativamente a narrativa, influenciando o comportamento dos personagens, o tom da história e até mesmo o próprio enredo. O espaço, ou o ambiente, funciona como o palco de um teatro: ele pode criar uma atmosfera (uma floresta escura evoca medo; uma praia ensolarada, tranquilidade), estabelecer um contexto social (um apartamento luxuoso versus um barraco na favela) e até mesmo funcionar como um símbolo ou um personagem em si.



Espaço como Atmosfera

Cria o clima emocional da cena



Espaço como Contexto

Estabelece relações sociais e de poder



Espaço como Símbolo

Representa ideias e condições humanas

Pense na importância do sertão em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. A paisagem árida e impiedosa não é apenas um cenário; ela é uma força opressora que dita o ritmo da vida da família de Fabiano, molda sua psicologia e se torna uma metáfora da própria condição humana. Tendências recentes como a **Ecocrítica** se aprofundam nessa relação, analisando como a natureza é representada na literatura e como o espaço pode refletir nossas ansiedades ecológicas. Em 2025, essa abordagem se torna cada vez mais relevante, à medida que a crise climática nos força a repensar nossa relação com o ambiente que habitamos.

O **tempo** narrativo, por sua vez, é o maestro da orquestra da história. Ele pode ser manipulado de inúmeras formas. A ordem dos eventos pode ser linear e cronológica (*ab ovo*, desde o ovo), ou pode começar no meio da ação (*in medias res*), ou até mesmo pelo fim, revelando o passado aos poucos através de *flashbacks*. Além da ordem, há a questão do ritmo. O autor pode dedicar várias páginas a um único minuto de reflexão intensa de um personagem (tempo psicológico) ou fazer um século passar em um único parágrafo ("cem anos de solidão"). Essa manipulação do tempo controla o fluxo de informações, cria suspense e foca nossa atenção no que é verdadeiramente importante para a experiência emocional da narrativa.

Quem Conta a História? A Figura Central do Narrador

Até agora, exploramos os "o quês" da história: o que acontece (enredo), com quem (personagem) e onde/quando (espaço/tempo). Agora, chegamos a uma pergunta fundamental: "quem conta?". Toda narrativa é mediada por uma voz, uma consciência que seleciona, organiza e apresenta os fatos. Essa voz é a do **narrador**, e a escolha de quem ele é e o quanto ele sabe é uma das decisões mais cruciais que um autor toma. O narrador é a lente através da qual vemos todo o universo ficcional, e diferentes lentes produzem imagens radicalmente diferentes.

O Narrador como Guia Turístico

Imagine o narrador como um guia que pode ser:

- **Membro do grupo** (narrador-personagem)
- **Cinegrafista externo** (narrador-observador)
- **Drone mágico onisciente** (narrador onisciente)

Pense no narrador como um guia turístico. Um guia pode ser um dos membros do grupo de turistas, contando a experiência de dentro, com uma visão limitada e pessoal. Esse é o **narrador-personagem**, que participa da história que conta, geralmente como protagonista (narrador em primeira pessoa, usando "eu"). Sua perspectiva é, por definição, parcial e subjetiva. Confiamos nele, mas sabemos que estamos recebendo apenas um lado da moeda. O Bentinho de *Dom Casmurro* é o exemplo clássico: ele nos conta *sua* versão da história de ciúmes, mas podemos confiar plenamente em seu relato sobre a suposta traição de Capitu?

Essa limitação é exatamente o que torna esse tipo de narrador tão fascinante. Ele nos força, como leitores, a adotar uma postura mais crítica e ativa, questionando o que é dito e preenchendo as lacunas. A Estética da Recepção, uma abordagem teórica que valoriza o papel do leitor, destaca como nossa interpretação é moldada por essa parcialidade. Desconfiar do narrador, buscar pistas nas entrelinhas e construir nossa própria verdade sobre a história é parte central do prazer da leitura de obras com narradores em primeira pessoa. A questão da confiabilidade do narrador nos leva diretamente a explorar outras "lentes" possíveis para contar uma história.

As Lentes da Narrativa: Foco Narrativo e Seus Efeitos

Se o narrador-personagem nos oferece uma visão de dentro da ação, outras vozes nos posicionam do lado de fora, como espectadores. Imagine que, em vez de um guia turístico participando da excursão, você contratasse um cinegrafista para documentá-la. Esse cinegrafista poderia simplesmente instalar uma câmera em um canto e registrar apenas o que é visível e audível, sem acesso aos pensamentos ou sentimentos de ninguém. Esse é o **narrador-observador**. Ele narra em terceira pessoa ("ele", "ela") e seu conhecimento é limitado aos eventos externos, como uma câmera de segurança. Ele nos descreve a cena com uma aparente objetividade, nos deixando tirar nossas próprias conclusões sobre as motivações internas dos personagens.

Mas e se o nosso cinegrafista tivesse um equipamento mágico, uma espécie de drone que pudesse não só sobrevoar toda a cena, mas também entrar na mente e no coração de cada pessoa, revelando seus pensamentos mais secretos, seus sentimentos ocultos e até mesmo o que o futuro lhes reserva? Esse é o **narrador onisciente**. Narrando também em terceira pessoa, ele sabe tudo sobre todos os personagens e sobre o universo da história. Ele tem acesso irrestrito ao passado, presente e futuro, e pode nos contar o que se passa na cabeça de várias pessoas na mesma cena. É uma lente que oferece uma visão panorâmica e profunda, um poder quase divino de conhecimento.

A escolha entre essas lentes – o foco narrativo – define a relação entre o leitor e a história. Um narrador-personagem cria intimidade e suspeita; um observador gera distanciamento e objetividade; um onisciente nos dá uma sensação de controle e autoridade. Essas escolhas não são neutras. Uma perspectiva decolonial, por exemplo, pode questionar: quem historicamente teve o privilégio de ser o narrador onisciente, cuja voz é tratada como a verdade absoluta? Dar a voz narrativa a um personagem de um grupo marginalizado pode ser um ato político poderoso, que subverte as expectativas tradicionais e nos força a ver o mundo através de uma nova lente.

Conceito	Foco Narrativo (Quem vê?)	Posição	Exemplo de Frase
Narrador Personagem	De dentro da história	1ª Pessoa ("Eu")	"Eu senti um arrepio quando vi a porta se abrir lentamente."
Narrador Observador	De fora, visão externa	3ª Pessoa ("Ele/Ela")	"Ele tremeu quando viu a porta se abrir lentamente."
Narrador Onisciente	De fora, visão total	3ª Pessoa ("Ele/Ela")	"Ele tremeu, pois temia que fosse o fantasma de seu avô, que jurara voltar."

As Vozes da Ficção: Discurso Direto, Indireto e Indireto Livre

Já sabemos quem conta a história e através de que lente. Mas como a voz dos personagens é inserida nessa narrativa? A forma como o narrador apresenta as falas e os pensamentos dos personagens é uma ferramenta sutil e poderosa, chamada de **discurso**. Dominar essa distinção é como aprender a ouvir as diferentes camadas de uma orquestra, identificando cada instrumento e entendendo sua contribuição para a melodia geral. A forma mais simples e clara é o **discurso direto**.

1	2	3
<p>Discurso Direto</p> <p>Como uma gravação de áudio. Fala exata do personagem com travessões ou aspas.</p> <p> "— Sou inocente!"</p>	<p>Discurso Indireto</p> <p>Como um relato jornalístico. O narrador traduz a fala em suas próprias palavras.</p> <p><i>O réu declarou que era inocente.</i></p>	<p>Discurso Indireto Livre</p> <p>Fusão mágica. A voz do narrador se funde com a consciência do personagem.</p> <p><i>Que absurdo, ser acusado daquele crime! Uma completa injustiça.</i></p>

Pense no discurso direto como uma gravação de áudio. O narrador pausa sua narração e nos entrega a fala do personagem exatamente como ela foi dita, geralmente marcada por travessões ou aspas. É um registro fiel e imediato. Por exemplo: "O réu se levantou e declarou: — Sou inocente!". Em seguida, temos o **discurso indireto**, que se assemelha mais ao relato de um jornalista. O narrador não transcreve a fala, mas a traduz em suas próprias palavras, nos contando o que o personagem disse. A mesma cena seria narrada assim: "O réu se levantou e declarou que era inocente.". Aqui, a voz do narrador atua como intermediária, o que pode gerar um certo distanciamento.

A verdadeira mágica, no entanto, acontece em uma terceira via, mais complexa e moderna: o **discurso indireto livre**. Ele é uma fusão, um "mind-meld" entre a voz do narrador e a consciência do personagem. O narrador continua em terceira pessoa, mas adota o ponto de vista, o tom e até mesmo as palavras que o personagem usaria em seus pensamentos. Imagine a cena: "Ele caminhou pela rua. Que absurdo, ser acusado daquele crime! Uma completa injustiça.". A frase "Que absurdo..." não é o narrador opinando, nem é uma citação direta do personagem. É a mente do personagem vazando para dentro da narração. Essa técnica, muito usada por autores como Clarice Lispector, cria uma intimidade profunda, nos colocando diretamente dentro do fluxo de consciência do personagem, sem as amarras formais do discurso direto.



Análise na Prática:

Integrando as Ferramentas Críticas

Agora que montamos nosso kit de ferramentas – enredo, personagem, tempo, espaço, narrador e discurso – o verdadeiro trabalho começa: usá-las em conjunto. A análise da narrativa não é uma checklist onde simplesmente identificamos os elementos. É uma investigação sobre *como* esses elementos interagem para produzir significado, emoção e ideologia. Uma análise rica conecta as escolhas formais do texto com seus possíveis efeitos e com os contextos culturais em que a obra foi produzida e é lida. As tendências críticas contemporâneas nos convidam a fazer perguntas mais profundas.

Perguntas Críticas Essenciais

- Por que o autor escolheu esse tipo de narrador?
- A quem essa voz narrativa dá poder?
- Quais personagens são explorados em profundidade?
- Quais vozes são silenciadas?

Por exemplo, ao analisar uma narrativa, em vez de apenas dizer "o narrador é onisciente", podemos perguntar: "Por que o autor escolheu um narrador onisciente? A quem essa voz onisciente dá poder? As mentes de quais personagens são mais exploradas por ele, e quais são silenciadas?". Uma **Crítica Feminista** poderia apontar que, em muitos romances do século XIX, o narrador onisciente explora detalhadamente os pensamentos e angústias dos homens, enquanto as mulheres são descritas principalmente por sua aparência externa. Essa escolha narrativa não é neutra; ela reforça uma visão de mundo androcêntrica.

"Eu que também não sei quem sou. [...] Ela, a nordestina, pois. Sim, parece que estou fazendo um romance. Enquanto isso não me julguem mal, por favor, e me deem a mão."

— Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*

Vamos a um microexemplo com um trecho de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, narrado pelo personagem Rodrigo S.M.: "Eu que também não sei quem sou. [...] Ela, a nordestina, pois. Sim, parece que estou fazendo um romance. Enquanto isso não me julguem mal, por favor, e me deem a mão." Aqui, temos um **narrador-personagem** (Rodrigo) que não só conta a história de Macabéa, mas reflete sobre o próprio ato de narrar (**metalinguagem**). Ele é um narrador não confiável, que admite sua própria confusão. Uma análise sociológica poderia ver a escolha de um escritor sofisticado do Sudeste para narrar (e, de certa forma, controlar) a história de uma migrante nordestina pobre como uma representação das relações de poder e classe no Brasil. Vemos, assim, como cada elemento é uma porta de entrada para uma discussão muito maior.

Consolidando seu Kit de Ferramentas Analíticas

Chegamos ao final de nossa jornada introdutória pela sala de máquinas da ficção. Vimos que uma história é muito mais do que uma sequência de eventos. Ela é uma arquitetura complexa, onde a estrutura do **enredo** serve de base para a vida dos **personagens**. Aprendemos que o **espaço** e o **tempo** não são meros cenários, mas forças ativas que moldam a narrativa. E, talvez o mais importante, descobrimos que tudo o que lemos é filtrado através da lente de um **narrador**, cuja voz e perspectiva definem nossa experiência, e que as vozes dos personagens nos chegam através de diferentes tipos de **discurso**.



Enredo

A estrutura que organiza os eventos e cria tensão narrativa



Personagens

A alma da história, com profundidade e complexidade



Espaço

O palco que molda atmosfera e contexto social



Tempo

O maestro que controla ritmo e ordem dos eventos



Narrador

A lente que filtra e apresenta toda a narrativa



Discurso

As formas de apresentar vozes e pensamentos

Com essas ferramentas, você está pronto para iniciar suas próprias investigações. A análise da narrativa é uma habilidade que se aprimora com a prática. Agora, ao ler um livro ou assistir a um filme, você começará a notar essas engrenagens funcionando nos bastidores. Pergunte-se: Por que a história começou nesse ponto? De quem é o ponto de vista que estou recebendo? Como o cenário está afetando o humor da cena? Essa curiosidade ativa é o primeiro passo para uma compreensão mais profunda e crítica de qualquer texto.

Em Prática

01

Ao começar uma nova série, tente identificar a **exposição** nos primeiros 15 minutos e o **conflito** principal que impulsionará a temporada.

02

Escolha um personagem de que você gosta e tente descrevê-lo usando apenas **caracterização indireta** (suas ações, falas, etc.).

03

Preste atenção em como as notícias são contadas: o repórter está agindo como um **narrador-observador** ou sua opinião se infiltra na matéria?

04

Leia um conto e tente reescrever um parágrafo mudando o **foco narrativo** (de 1ª para 3ª pessoa, por exemplo) para ver como o efeito muda.

05

Identifique em um romance um trecho em **discurso indireto livre** e sinta como ele aproxima você da mente do personagem.

Autoavaliação

1. (Nível: Fácil) Em uma narrativa, o momento de máxima tensão, que representa um ponto de virada decisivo para o conflito principal, é chamado de:

- a) Exposição
- b) Desfecho
- c) Clímax
- d) Conflito

2. (Nível: Médio) Um narrador que participa da história como um dos personagens e utiliza a primeira pessoa ("eu") para contar os eventos a partir de sua perspectiva limitada e subjetiva é classificado como:

- a) Narrador onisciente
- b) Narrador observador
- c) Narrador-personagem
- d) Narrador intruso

3. (Nível: Difícil - Estilo Concurso) "Ele olhou para o relógio na parede. Cinco horas. Tarde demais para voltar atrás. Que loucura fora aceitar aquela proposta, uma verdadeira sentença." Neste trecho, a frase "Que loucura fora aceitar aquela proposta, uma verdadeira sentença" é um exemplo claro de:

- a) Discurso direto, pois expressa a fala exata do personagem.
- b) Discurso indireto, pois o narrador relata o pensamento com suas próprias palavras.
- c) Fluxo de consciência, pois apresenta pensamentos de forma desordenada.
- d) Discurso indireto livre, pois a voz do narrador em 3ª pessoa se funde com o pensamento do personagem.

4. (Nível: Avançado) Considerando as tendências críticas contemporâneas, a análise do **espaço** em uma obra literária que foca na representação da natureza e na crise ambiental para entender como o ambiente molda os personagens e a trama está mais alinhada com a:

- a) Teoria Queer
- b) Crítica Feminista
- c) Ecocrítica
- d) Estética da Recepção

Questão Discursiva: Explique, em até 5 linhas, por que o narrador de *Dom Casmurro* (Bentinho) é um exemplo clássico de "narrador não confiável" e como isso afeta a experiência de leitura da obra.

Gabarito

Respostas Objetivas

Questão 1

Resposta: C

Clímax

Questão 2

Resposta: C

Narrador-personagem

Questão 3

Resposta: D

Discurso indireto livre

Questão 4

Resposta: C

Ecocrítica

Resposta Discursiva (Exemplo)

- ❑ Bentinho é um narrador não confiável porque ele é o próprio protagonista ciumento contando a história de sua perspectiva, muitos anos depois, tentando provar sua tese sobre a traição de Capitu. Isso força o leitor a questionar a validade dos "fatos" apresentados e a se tornar um detetive que busca a verdade nas entrelinhas do relato parcial e ressentido do narrador.

Próxima Aula

Aula 6 – O Formalismo Russo: A Ciência da Literatura

Esta aula nos deu o mapa do território narrativo. Exploramos seus componentes e como eles se articulam. Em nossa **Aula 6 – O Formalismo Russo: A Ciência da Literatura**, vamos dar um passo adiante e conhecer um dos primeiros movimentos teóricos que tentou transformar essa análise em uma verdadeira ciência. Veremos como os formalistas buscaram isolar o que torna um texto "literário", focando justamente nos procedimentos e nas formas que discutimos hoje.

Recursos Adicionais



A Jornada do Escritor

Christopher Vogler

Oferece uma visão clara e prática sobre a estrutura do enredo, útil para entender o "esqueleto" de muitas histórias populares.



O Foco Narrativo

Norman Friedman

Texto clássico que sistematiza os tipos de narrador de forma muito didática e aprofundada.